



Geologia na “Rota dos Abutres”



Geologia na “Rota dos Abutres”

O granito de Salvaterra é a terminação para W do plutonito de Zarza-la-Mayor. É formado por quartzodioritos, granitos de duas micas e granitos moscovíticos, de grão médio a grosseiro. Há cerca de 370 milhões de anos, este batólito correspondia a uma câmara magmática situada a alguns quilómetros da superfície, no interior da crosta terrestre. Os filões que se encontram na zona correspondem a eventuais condutas que alimentaram, desde a câmara magmática, a actividade vulcânica superficial de então. Seriam precisos mais de 250 milhões de anos para expor o granito por aplanamentos sucessivos que culminaram, há cerca de 3 milhões de anos atrás, com o encaixe da rede de drenagem associada ao Erges. O percurso desenvolve-se na sua parte inicial e derradeira sobre o granito de Salvaterra, atravessando ainda o Vale de Idanha onde afloram unidades xistentas (Grupo das Beiras) onde foram encontrados os fósseis mais antigos de Portugal (fósseis de cianobactérias com mais de 600 milhões de anos!). A intrusão do granito nesta espessa sequência sedimentar pré-existente levou ao metamorfismo das rochas sedimentares por contacto com a bolsa magmática. Assim, à volta de Salvaterra existe uma auréola de metamorfismo, uma faixa concêntrica mais afectada pelo intenso calor, onde se encontram corneanas pelíticas ou xistos mosqueados, derivado ao facto de a rocha apresentar numerosos cristais (“moscas”) de andaluzite.



1. Mirante do Salto da Cabra

Observa-se uma impressionante paisagem sobre a garganta do Erges (Local de Interesse Geomorfológico). O canhão do Erges em Salvaterra do Extremo tem uma direcção aproximadamente N-S. O vale profundamente entalhado no granito de Salvaterra do Extremo, após atravessar os planos de Monfortinho, que se vêem à esquerda, a cotas inferiores, resulta de uma inadaptação do Rio Erges ao substrato por sobreposição sobre cobertura discordante. Há pouco mais de 3 milhões de anos, toda a região estava coberta por depósitos detríticos recentes semelhantes àqueles que ainda abundam em Monfortinho. O Pré-Erges seria, em condições climáticas mais secas que as actuais, um rio com menor capacidade erosiva, dispersando-se sobre a planície através de canais pouco entalhados. Com a crise climática do início do Quaternário, o Erges ganhou fulgor erosivo, entalhando profundamente a sua rede de drenagem nos sedimentos. Quando o seu leito atingiu o granito de Salvaterra, já o rio Erges apresentava um vale bastante encaixado pelo que teve que se adaptar a um substrato mais duro mas fortemente fracturado, provocando a apertada incisão nas rochas graníticas que hoje podemos apreciar.

No topo da margem espanhola do Erges, observam-se as ruínas do magnífico Castillo de Peñafiel, em granito bem aparelhado da região. Estes penhascos encontram-se recortados por forte fracturação.



Vertente abrupta do canhão fluvial de Salvaterra do Extremo cortada por intensa fracturação que dá o aspecto de cunhas empilhadas aos rochedos

2. Mirante da Feiteira Ladeira

Apresenta uma bela perspectiva sobre os cabeços da Murracha, Murrachinha e Pedras Ninhas (relevos residuais cenozóicos, recentes), a crista quartzítica de Penha Garcia, que se prolonga para Espanha até á linha do horizonte,



gerando por vezes verdadeiras muralhas rochosas; o vale do Erges que rapa a crista quartzítica ao atravessá-la segundo um processo de inadaptação muito semelhante ao descrito para a génese do canhão de Salvaterra, segundo orientação NNE-SSW, deixando a descoberto, ao fundo, o *horst* (relevo em degrau tectónico) da Cordilheira Central; a partir das Termas de Monfortinho, o Erges entalha suavemente a Superfície de aplanção de Castelo Branco até chegar ao granito de Salvaterra.

O Canhão de Salvaterra coroado pelo castillo de Peñafiel e o Vale de Idanha: as variantes geomorfológicas que compõem diferentes paisagens ao longo de um único rio.

3. Fonte da Ribeira

Neste local existe a entrada do Erges na apertada garganta. Observam-se nas margens rochosas algumas marmitas-de-gigante, covas escavadas na rocha granítica por movimentos turbilhonares de calhaus. Pela canalização apertada do rio este aumenta de velocidade, provocando zonas de rápidos. As típicas formas dos moinhos de imersão são características dos rios mediterrânicos, em que existem fortes variações sazonais de caudal. Estes moinhos estão preparados para enfrentar alturas de cheias, podendo e chegando a ser cobertos pela água. As variações são brutais como se pode constatar pela cheia que, no séc. XIX, passou por cima da ponte de Segura de 15m de altura, situada a cerca de 6km para jusante deste local. A presença de moinhos é característica do aumento da eficiência do rio devido a gradiente gravítico dado por uma variação da resistência erosiva dos substratos.



A Fonte da Ribeira é uma das principais fontes da história de Salvaterra. É o resultado da circulação das águas das chuvas pelas inúmeras fracturas que cortam o granito e que, aqui e ali, fazem surgir nascentes. Os moinhos de imersão, com o seu telhado característico, à entrada do canhão de Salvaterra



4. Currais de Arvéola

A 1000 metros do Vale de Idanha e a cerca de 50m para leste do caminho, na encosta de linha-de-água, estas outrora importantes minas de chumbo são denunciadas pela presença ainda explícita de escombrelas, cones de rochas ferruginosas e cinzentas. Para se chegar à “boca” das minas é preciso atravessar campos de rosmaninho e malmequer. É preciso ter cuidado pois os poços têm mais de 70 m de profundidade e não têm qualquer vedação, encontrando-se totalmente envolvidos pela vegetação. A única forma de definir a sua proximidade é através das árvores que se desenvolvem apenas à sua entrada. As minas agora abandonadas de Currais de Arvéola foram as mais importantes minas de chumbo do couto mineiro de Salvaterra e uma das mais importantes de todo o concelho em paralelo com as minas de Segura. Surgiram no final do séc. XIX, tendo sido exploradas com vigores variáveis até ao final da década de 40 do séc. XX, a partir do qual foram totalmente abandonadas. Destas importantes minas restam apenas os poços rectangulares verticais escavados na rocha, uma obra de engenharia que se pode contemplar em toda a sua extensão uma vez que as minas não foram entulhadas. Os dois poços visitáveis encontram-se distanciados de cerca de 100m. Era por aqui que se descia os homens e o material e se retirava o minério de chumbo. As mineralizações de galena, o principal minério de chumbo encontrado na região, ocorriam em filões verticais de quartzo leitoso (branco). O filão de Arvéola tem uma espessura variável que pode atingir 10m, com uma direcção N20°E.



Poços verticais inundados e os restos de escombrelas: os vestígios visíveis da concessão mineira de Currais de Arvéola

